

KIDO GUERRA

Penetras

Saldo da festa em Porto Seguro: 30 feridos, mais de 140 presos, alguns milhares impedidos de se manifestar livremente e constrangidos em seu direito de ir e vir.

Não poderia ter sido mais melancólico o clímax das comemorações oficiais dos 500 anos do descobrimento do Brasil por Cabral. O fato leva boa parte dos brasileiros a constatar que, assim como a festa montada em Porto Seguro, o país não é mesmo para todos os que aqui vivem.

Muitos já escreveram sobre a falta de entusiasmo da população nos festejos em torno da data e até ressaltaram a ausência de bandeirinhas verdes, azuis e amarelas das janelas de casas e apartamentos, ao contrário do que ocorre nas copas do mundo.

Mas, a rigor, o que se tem para comemorar numa festa que há 500 anos tem sido essencialmente lusitana? Foram os navegadores portugueses que aqui chegaram e assim incorporaram essa imensa faixa de terra aos seus domínios, para enriquecer a Coroa e seu rei. Foram eles que,

durante 300 anos, extraíram e se apropriaram das riquezas naturais da colônia que viria a se tornar o Brasil.

Tudo bem que um sentimento de brasilidade foi sendo esboçado em meados do século XVII, prosperou no século seguinte e culminou na formação da nação brasileira, a partir da Independência — com a providencial participação de um príncipe português. Mas e antes disso? O que era o Brasil senão um provedor de riquezas para os colonizadores, obtidas à custa de vidas dos índios que aqui viviam e dos escravos importados da África?

Convidado, há uns quatro, cinco anos, a participar das comemorações pela vitória inglesa na Batalha de Waterloo, o presidente francês, Jacques Chirac, declinou: "Derrotas não devem ser comemoradas". A resposta soou antipática, mas não se cobrou de Chirac civilidade nem humildade.

Convidados a participar como coadjuvantes da Festa do Descobrimento em Porto Seguro, índios brasileiros também declinaram — e lhes cobraram

civilidade e subserviência —, porque sabem, assim como Chirac, que derrotas não devem ser comemoradas. Depois, tentaram protestar contra o legado dos 500 anos de descobrimento — um legado de exclusão —, mas foram rechaçados a balas de borracha.

Estudantes e sem-terra — que, provavelmente, assim como grande parte da população brasileira, devem ter algumas gotas de sangue português correndo em suas veias — também quiseram participar da festa como penetras, mas foram impedidos à força.

O turista comum que estava em Porto Seguro no sábado passado tentou dar uma olhada no palco da solenidade. Em vão: os tapumes não deixavam ver nada nem ninguém. Sua presença também não era bem-vinda.

O saldo do melancólico sábado em Porto Seguro lembrou muito o Brasil real de nossos dias: há uma enorme multidão de excluídos e indesejáveis, mesmo que descendentes, direta ou indiretamente, dos verdadeiros donos da festa. Até quando?